



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DISCIPLINA:** Trabalho de Conclusão de Curso II  
**ORIENTADOR:** Professor Dr. Eduardo Lopes Cabral Maia

**BULLYING: RELAÇÕES DE PODER NA ESCOLA**

**PIPPI, Izabel Cristina Lorenzen**

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais/UFSM

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo refletir sobre a problemática do bullying nas escolas e as relações de poder. Bullying é uma palavra de origem inglesa que define uma forma específica de violência entre alunos que tem sido, de certa forma, tolerada pela comunidade escolar. Na atualidade, a violência é um dos grandes males que preocupa a sociedade mundial. Essas relações de violência são fruto das próprias relações de poder existente na sociedade capitalista pautada pela desigualdade social. Neste contexto, a escola como espaço social é reprodutora dessas relações desiguais, e por isso tem sofrido também com a violência, principalmente com a presença de práticas do bullying, que comprovadamente traz prejuízos para todos os envolvidos. Por isso, a escola em conjunto com sua comunidade escolar precisa buscar alternativas para superar esse problema com ações práticas, conjuntas e articuladas de pais, educadores. O comprometimento em realizar mudanças nos rumos da vida moderna poderá levar a uma transformação real e significativa na vida de todas as pessoas

**Palavras-chave:** Bullying. Violência. Escola. Relações de Poder.

## **INTRODUÇÃO**

A violência é um dos grandes problemas da sociedade na atualidade. Existe uma sensação de que a intolerância é um dos sentimentos mais comuns entre as pessoas, como se cada um só percebesse a si mesmo, sem se colocar no lugar do outro. Dessa maneira, uma pessoa pacata e tranquila, num episódio de trânsito acaba por agredir com palavras e até fisicamente.

A violência que ocorre na sociedade se reflete também na escola, onde cada vez são maiores os relatos de agressão verbal e física entre colegas, alunos para com professores e até mesmo de professores com alunos ou pais.

Dentro deste contexto, uma situação cada vez mais comum é a prática do bullying, que se caracteriza por atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivo evidente, que são adotadas por um ou mais estudante contra um colega ou vários colegas, causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

A percepção da gravidade da violência que vem acontecendo na escola foi à motivação que levou a escolha deste assunto, justificando a escolha desta temática para ser abordada neste artigo, buscando assim contribuir nas discussões que envolvem a prática do bullying, bem como mostrar como este acontece e como pode ser combatido.

A importância da escola na vida de crianças e adolescentes e dentro da sociedade aponta para a necessidade de se conhecer e de buscar alternativas para que a prática do bullying e de qualquer outro tipo de violência seja banida do universo escolar.

## **METODOLOGIA**

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem de pesquisa qualitativa, sob os princípios de um estudo bibliográfico. A pesquisa qualitativa como refere Lakatos e Marconi (2007), “por seu caráter exploratório estimula os pesquisadores a pensarem livremente sobre um tema, objeto ou conceito. Esse tipo de pesquisa mostra aspectos subjetivos e atinge motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea .”

“Ainda, a pesquisa qualitativa não se prende a rigor estatístico, oportunizando o pesquisador a selecionar os elementos a que tem acesso, utilizando-os de forma a representar o universo pesquisado (GIL, 2011).”

“A pesquisa bibliográfica foi à trajetória metodológica escolhida para desenvolver os objetivos propostos nesse estudo. A pesquisa bibliográfica tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno (JUNG, 2003).”

“A investigação bibliográfica realizada se embasa em pesquisas teóricas em educação, cujas bases estão contidas principalmente em documentos escritos, que se apresentam como a base “para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica” (RUIZ, 2002, p. 58).”

Assim, embasado teoricamente em estudos de Debarbieux e Blaya (2002), Fante (2005), Beaudoin (2006), Lopes Neto e Saavedra (2004), Waksman e Hirschheimer (2007), Abramovay e Rua (2003), Szymanski (2007), Guareschi (2008), Silva (2010), Bordieu (2001), Raduenz e Stival (2010), C ezar e Passos (2008), sobre as relações de poder e o bullying na escola é que se construiu o texto desse artigo falando sobre este tipo de violência que vem afetando a escola e como este tipo de violência está relacionado com as relações de poder entre as pessoas.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 Violência Escolar

A violência é um fenômeno social que sempre preocupou a sociedade. Na atualidade a violência vem crescendo, fruto das relações competitivas e da falta de limites  ticos e morais que parece ter crescido na sociedade moderna.

Sobre a violência escolar Abramovay e Rua (2003, p. 13-14) apontam que:

Em todo o mundo ocidental moderno, a ocorrência de violências nas escolas não é um fenômeno recente. Este, além de constituir um importante objeto de reflexão, tornou-se, antes de tudo, um grave problema social. [...] Há de enfatizar, no entanto, que a violência na escola não deve ser vista simplesmente como uma modalidade de violência juvenil, pois sua ocorrência expressa   intersec o de três conjuntos de variáveis interdependentes: o institucional (escola e família), o social (sexo, cor, emprego, origem socioespacial, religião, escolaridade dos pais, *status* socioecon mico) e o comportamental (informa o, sociabilidade, atitudes e opiniões).

Percebe-se, assim, que a violência na escola não é um fenômeno novo, que possui uma longa história, mas que vem se agravando e que suas raízes não são únicas, mas sim o fruto de fatores que podem ser múltiplos, e que são o entendimento desta complexidade pode ajudar na constru o de políticas educacionais e sociais que minimizem o problema da violência.

Vive-se em um mundo onde a prática de violência   constante na vida de indivíduos e de sociedades. Essa realidade faz pensar que a violência pode estar no meio de convívio familiar e/ou social, na escola, no trabalho, apresentando-se de diversas maneiras diferentes.

De acordo com Abramovay e Rua (2003), frequentemente se toma conhecimento de histórias sobre comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas.

Para estas autoras isto acontece, porque alguns estudantes são oriundos de famílias que passam por conflitos diários, devido há vários fatores: violência doméstica, álcool/drogas, desemprego, etc. problemas estes que podem influenciar os pais ou responsáveis a negligenciarem uma boa educação, não tendo condições de confrontar os filhos com regras e limites, necessários para que possam aprender a tolerar e enfrentar as frustrações do cotidiano.

Abordando a violência escolar Szymanski (2007, p.100) diz que:

[...] as escolas podem criar um ambiente que venha a constituir-se num "espelho" e num "mundo" para as crianças, ajudando-as a caminhar para fora de um ambiente familiar adverso e criando uma rede de relações, fora das famílias de origem, que lhes possibilite uma vida digna, com relações humanas estáveis e amorosas.

A escola como uma instituição social deve estar preparada para construir uma educação de qualidade que venha a ser possibilidade de vida digna, como coloca a Constituição no momento que a lista como um direito social, e nem reforçar as relações excludentes que permeiam a sociedade contemporânea. Assim, a escola tem de ser um diferencial na vida do aluno, principalmente daquele que vem de um ambiente adverso e de fragilidade social.

Segundo Debarbieux (1999, apud ABRAMOVAY; RUA, 2003), a violência nas escolas pode estar associada a três dimensões como: dificuldades enfrentadas pela gestão escolar em consequência de estruturas deficitárias; ao contexto, ou seja, da violência gerada de fora para dentro da escola, da realidade em que ela esta inserida; a componentes internos da escola, como relações autoritárias, falta de diálogo.

Abramovay e Rua (2003) caracterizam em seu estudo algumas das formas como a violência de apresenta dentro do ambiente escolar, citando:

- Violência contra o patrimônio - é a violência praticada contra a parte física da escola.
- Violência contra a propriedade - é a violência caracterizada por roubos, furtos e assaltos.

- Violência doméstica - é a violência praticada por familiares ou pessoas ligadas diretamente ao convívio diário do adolescente.

- Violência simbólica - É a violência que a escola exerce sobre o aluno quando o anula da capacidade de pensar e o torna um ser capaz somente de reproduzir.

- Violência física – Caracterizada pelo brigar, ameaçar, bater, matar, suicidar, estuprar, roubar, assaltar, tiroteio, espancar, pancadaria, rixa entre grupos dentro da escola, andar armado e, também participar das atividades das gangues.

Observa-se, que a violência é uma constante no ambiente escolar a muito tempo, de uma maneira mais intensa em algumas escolas e mais amena em outras, mas estando presente neste cotidiano, daí a importância da mesma se tornar um espaço mais democrático e significativo para os alunos, para que os mesmos possam se sentir acolhidos. Acredita-se que quanto maior a identificação positiva do aluno com a escola menores serão os eventos de violência escolar.

Um dos aspectos da violência escolar é o bullying, onde um aluno, ou grupo de alunos persegue, ameaça, agride, ofende outro aluno/os gerando um ambiente tenso que prejudica tanto vítimas como agressores.

## **1.2 Bullying na escola**

As práticas de violência e de agressividade na escola são problemas universais, ocorrendo em grande parte do mundo caracterizado por inúmeras atitudes de intimidação moral, bem como física. Entre estas práticas se encontra o bullying.

Conforme Lopes Neto; Saavedra (2004), o bullying diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão, e traz consequências negativas imediatas e tardias para todos os envolvidos, sejam eles agressores, vítimas ou apenas observadores.

De acordo com Debarbieux; Blaya (2002) o bullying é uma palavra inglesa que foi adotada em outros países que se refere à intimidação. É definido como o "desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob tensão" (DEBARBIEUX e BLAYA, 2002, p. 72). Já para Day (1996. IN BEAUDOIN, 2006), bullying é definido como abuso físico ou psicológico contra alguém que não é capaz de se defender.

Um trabalho importante sobre o bullying no Brasil tem sido realizado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência -

ABRAPIA, através do desenvolvimento de programas para redução do comportamento agressivo entre estudantes.

A ABRAPIA, em seus estudos busca contextualizar o bullying desde o seu surgimento para a partir deste conhecimento projetar ações que discutam e diminuam a incidência deste comportamento agressivo na escola.

De acordo, com a ABRAPIA, na década de 1990, aconteceu na Europa, um número considerável de pesquisas e campanhas que conseguiram reduzir a incidência de comportamentos agressivos nas escolas.

Tudo teve início com os trabalhos do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional Anti-Bullying nas escolas norueguesas (1993). No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de BULLYING, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema.

Conforme a ABRAPIA, o bullying é caracterizado por um conjunto de atitudes agressivas intencionais e repetitivas adotadas por indivíduos contra outros sem causa evidente, podendo ocorrer de maneira aberta ou velada, que geram muita dor, angústia e sofrimento. Ainda, para a ABRAPIA o bullying é um problema mundial que acontece em todas as classes sociais e em todos os níveis de escolaridade, desde o ensino fundamental até o ensino superior.

Para autores como Beaudoin (2006) alguns fatores influenciam na prática do bullying como, atitude negativa por parte dos pais ou por quem cuida da criança ou adolescente; atitudes tolerantes ou permissivas quanto ao comportamento agressivo da criança ou do adolescente (falta de limites); pais ou responsáveis que utilizam o poder e a violência para controlar a criança ou adolescente; e também, a tendência natural da criança ou do adolescente a ser arrogante.

Ainda, quanto ao bullying, Waksman e Hirschheimer (2007, p. 07) apontam como conceito do mesmo:

Compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro (s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao *bullying* pode ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional ou do maior apoio dos demais estudantes.

Percebe-se que o bullying diz respeito a todos os tipos de agressão que ocorrem entre iguais, no caso, crianças e adolescentes dentro do ambiente escolar envolvendo apelidos, perseguição, piadas, tratamento jocoso, intimidação, violência física e atos que fazem com que um dos lados se sinta inferiorizado, discriminado, humilhado, entre outros sentimentos negativos e prejudiciais.

O bullying envolve uma relação desigual, uma relação de poder, onde aquele que se sente poderoso, seguro de si, de sua impunidade, ou conta com o apoio de outros, atenta contra um colega ou vários colegas por considerá-los diferentes, inferiores. Esta relação em longo prazo trará efeitos para todos, tanto para quem pratica o bullying quanto para quem sofre com essa prática, atingindo, também que vivencia, observa os acontecimentos (WAKSMAN; HIRSCHHEIMER, 2007).

De acordo com Cidade (2008) todos os envolvidos no bullying sofrem, tanto o autor, como a vítima ou a testemunha, estão comprometidos de alguma forma com esse tipo de violência. Mesmo o autor do bullying sofre demasiadamente com as consequências dos seus atos, e, muitas vezes a raiz de sua maneira de agir é decorrência da violência familiar, da qual é vítima.

Falando sobre as consequências bullying, Lindegger et al (2007) colocam que as vítimas deste comportamento no espaço escolar podem apresentar sintomas de desinteresse pela escola, dificuldade de concentração e aprendizagem, queda de rendimento, evasão escolar o que se reflete na saúde física e emocional, gerando estresse, depressão e em casos mais sérios até mesmo o suicídio.

A própria mídia vem mostrando as consequências e os males decorrentes do bullying, com exemplos de explosão violenta de indivíduos que sofriam calados, como alunos norte-americanos que massacraram os colegas de escola e de universidade e se suicidaram.

Para Lindegger, Pinheiro; Palerosi (2007) também os autores do bullying são afetados por esta prática, pois acabam se distanciando da escola, tornam-se cada vez mais violentos, muitas vezes apresentam desvio de conduta que vai afetar seu comportamento e suas ações na vida adulta, influenciando nas relações familiares, no trabalho e na convivência social. O bullying pode se apresentar de maneiras diferentes, de forma direta, mas também indireta.

Esta violência pode ser manifestada de várias formas, sendo as vítimas atacadas diretamente ou indiretamente. [...] Considera-se *bullying* direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos; já o *bullying* indireto compreende as atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos (LIDEGGER et al 2007, p. 1374) .

O alvo do bullying não necessariamente precisa sofrer agressões físicas ou verbais, como se observa o isolamento, a indiferença, entre outras ações dissimuladas são também práticas desta forma de violência.

De certa maneira, o bullying é tolerado dentro da escola, principalmente quando se apresenta de maneira subjetiva, no apelido, na brincadeira “sem graça”, na intimidação, na humilhação, pois muitos adultos acreditam serem atitudes normais dos adolescentes e jovens.

Sobre o bullying Ramos (2010) coloca que:

Em síntese, o fenômeno ocorre quando um ou mais alunos passam a perseguir, intimidar, humilhar, chamar por apelidos cruéis, excluir, ridicularizar, demonstrar comportamento racista e preconceituoso ou, por fim, agredir fisicamente, de forma sistemática, e sem razão aparente, um outro aluno. [...] O bullying difere da violência explícita que é facilmente identificável em algumas escolas, tais como pichações, atos de vandalismo ou agressões físicas, por se tratar de algo mais sutil. Podemos dizer que o fenômeno é tolerado pela comunidade escolar, e visto muitas vezes como ‘normal’ no relacionamento entre crianças e adolescentes.

No entanto, cabe dizer que o bullying é um comportamento “preconceituoso” (estigmatiza uma pessoa por um tempo ou repetidas vezes ,importunando a mesma moral ou fisicamente), e que traz consequências nocivas para todos os envolvidos, tanto no aspecto pessoal, psicológico, como também influencia na aprendizagem. Essas colocações demonstram a necessidade da escola, em conjunto com pais e comunidade de agir para evitar as ações e os resultados decorrentes do bullying.

De acordo com Ramos (2010) as consequências na aprendizagem para os alunos que sofrem com o bullying são muitas, desde a baixa do rendimento escolar, até mesmo, a desistência de estudar com a evasão da escola.

Sobre o fato coloca Ramos (2010, p. 11):

As consequências do bullying para as vítimas são inúmeras. O desempenho escolar afetado é uma delas. As dificuldades de aprendizagem demonstradas por aqueles que sofrem os maus tratos são visíveis. Muitos alunos, que anteriormente demonstravam interesse pelos conteúdos, subitamente deixam de questionar quando tem dúvidas, temendo ser ridicularizados pelos *bullies*. Alunos que apresentavam desempenho acima da média, de repente param de realizar as tarefas e demonstrar interesse nas aulas, com receio de serem segregados e

rotulados negativamente. [...] Há ainda aqueles que chegam a desistir da escola, por não suportar a gozação ou o desdém dos colegas.

Segundo Cidade (2008) a escola não é local de violência, pelo contrário, se espera que seja um ambiente de crescimento, de construção de aprendizado, valores. Por estas razões se espera que exista um domínio por parte dos educadores sobre as atitudes dos alunos que não condizem com o papel da escola. A expectativa sempre será que a instituição de ensino controle seus alunos, através da disciplina, da educação, da orientação, onde o espaço escolar se apresenta como lugar seguro para eles.

Dentro desta realidade de violência, a escola não pode se omitir de discutir a questão do bullying e de buscar realizar ações que venham a suprimir este problema de dentro de seus espaços.

Segundo Ramos (2010) um dos sintomas dos alunos que sofrem com o bullying são a depressão, que se apresenta pronunciada principalmente na fase de infância e adolescência, pois, muitas vezes a vítima oculta a situação para pais e/ou responsáveis. Por isso, é fundamental que a escola observe os comportamentos dos alunos dentro de seus espaços, e se pronuncie diante de situações de violência e/ou de bullying.

Essa maneira se percebe o quanto é essencial que haja consciência das instituições escolares a respeito da existência do bullying, pois esta conscientização é um grande passo para que educadores, pais possam lidar com essa situação de uma forma específica, buscando até mesmo ajuda multidisciplinar, se necessário, com psicólogos, pedagogos, psicopedagogos.

Observa-se que o comportamento de bullying não pode ser interpretado, ou visto como normal, como uma fase de desenvolvimento dos alunos. É um dever da escola discutir e buscar caminhos para solucionar tal problema analisando as medidas mais interessantes, e mais adequadas para o seu caso. Bem como desenvolver um trabalho de conscientização e prevenção do bullying com a comunidade escolar.

Sabe-se que não é fácil combater a violência na escola, porque a própria sociedade vive um momento de banalização da violência, mas, no entanto, é preciso entender o que esta acontecendo e buscar soluções práticas e significativas.

De acordo com Fante (2005, p. 168):

O comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo. Sabemos ser o fenômeno resultante de inúmeros fatores, tanto

externos como internos à escola, caracterizados pelos tipos de interações sociais, familiares, socioeducacionais e pelas expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais.

Não é fácil, muitas vezes detectar e agir com os acontecimentos ocorridos na escola que envolvem o bullying, porque, como já foi dito, estes acontecem de maneira velada, entendidos como “brincadeira de mau-gosto”, como piada, apelidos, aceitos como normais por toda a sociedade, pois ocorrem comumente em casa, no trabalho, na rua, na vida social.

No entanto, quando estes vão além da brincadeira, quando afetam a vítima em sua vida, em seu comportamento, na aprendizagem, quando o agressor, também passa a agir de forma cada vez mais violenta, a escola tem de agir, tanto para resolver o problema quando ocorre como também de maneira preventiva para que não venha acontecer.

Assim, de acordo com Silva (2006) escola deve conscientizar-se de que esse conflito de relações relacional já é considerado um problema de saúde pública. Por isso, é preciso manter um olhar mais atento dos professores, dos demais profissionais ligados ao espaço escolar para os sinais de violência, procurando neutralizar os agressores, bem como assessorar as vítimas e transformar os espectadores em aliados no combate ao bullying.

Percebe-se, que é papel da escola estar atenta para tudo que ocorre em seu espaço, não permitindo que os alunos se agridam mutuamente, bem como que uns agridam os outros, seja de maneira explícita ou implícita, com apelidos, humilhações, com gozações, discriminação, moralmente ou fisicamente, tomando as providências para que isto não aconteça, chamando a comunidade escolar a refletir, discutir e buscar soluções para os problemas de violência.

Ainda para Silva (2006, p. 02) a escola deve:

[...] tomar algumas iniciativas preventivas do tipo: aumentar a supervisão na hora do recreio e intervalo; evitar em sala de aula menosprezo, apelidos, ou rejeição de alunos por qualquer que seja o motivo. [...] promover debates sobre as várias formas de violência, respeito mútuo e a afetividade tendo como foco as relações humanas. [...] Mas tais assuntos precisam fazer parte da rotina da escola como ações atitudinais e não apenas conceituais. De nada valerá falar sobre a não-violência, se os próprios profissionais em educação usam de atos agressivos, verbais ou não, contra seus alunos. Ou seja, procurar evitar a velha política do “faça o que eu digo, não faça o que eu faço”.

Não se pode esquecer que a escola é o primeiro contato da criança com um grupo maior que o familiar, sendo um espaço plural por natureza. Entende-se que na realidade

da vida atual, muitas famílias deixam os filhos em creches e escolas cada vez mais cedo, e os pais, indiretamente, transferem a responsabilidade pela educação dos filhos às escolas.

Ainda, é no ambiente escolar que as crianças e adolescentes entram em contato com um conjunto de valores diferentes dos familiares. É aqui que, via de regra, **que** deveriam aprender a viver em sociedade, tendo noções do coletivo, da convivência harmônica e democrática, mas na maioria das vezes não é assim, pois estão aprendendo as relações de poder e de violência que ocorrem na sociedade como um todo.

Por isso, é importante considerar que a escola tem o papel e o dever de guardar e de preservar a integridade física e psicológica do aluno, com a obrigação de vigiar, cuidar, educar objetivando prevenir e evitar qualquer ofensa ou dano decorrente do convívio escolar.

Sabe-se que o bullying está cada vez mais frequente nas escolas, não importando o nível, desde a escola infantil até o ensino superior, tanto a escola pública quanto a escola particular, o que vem preocupando a sociedade e as instituições escolares como um todo, daí a importância da união de educadores, pais e comunidade na discussão e na resolução deste problema.

Segundo Lopes Neto; Saavedra (2004), a principal forma de ação no combate da prática do bullying é a cooperação por parte de todos os envolvidos: professores, funcionários, alunos e pais. Ainda para Lopes Neto e Saavedra (2004, p. 35):

Todos devem estar de acordo com o compromisso de que o bullying não será mais tolerado. As estratégias utilizadas devem ser definidas em cada escola, observando-se suas características e as de sua população. O incentivo ao protagonismo dos alunos, permitindo sua participação nas decisões e no desenvolvimento do projeto, é uma garantia ainda maior de sucesso. Não há, geralmente, necessidade de atuação de profissionais especializados; a própria comunidade escolar pode identificar seus problemas e apontar as melhores soluções.

Para combater o bullying é fundamental a ação conjunta de pais, de educadores, da comunidade escolar em geral e dos estudantes num comprometimento de mudança de ação e de paradigmas, com a responsabilização dos agressores, bem como por um enfrentamento do problema que passa pela concepção do educar com afetividade.

Referem Lopes Neto e Saavedra (2004), que a receita para combater o bullying se baseia na promoção um ambiente escolar seguro e sadio, onde haja amizade, solidariedade e respeito às características individuais de cada um de seus alunos. Ou

seja, um ambiente escolar que não se limite a ensinar apenas o conteúdo programático, o conhecimento, mas também onde se eduquem as crianças e adolescentes para a prática da cidadania, da justiça, onde se cultive valores morais, éticos e de solidariedade.

Conforme Fante (2005) o enfrentamento do bullying se faz pela implantação de metodologias simples, trabalhando-se com leituras de diversos tipos de textos, poemas, redações de alunos da educação básica, fundamentando-se nos valores humanistas de tolerância e solidariedade, explorando a compreensão, percepção, discussão a fim de que eles se sensibilizem da existência desse fenômeno.

Ainda, para Fante (2005) este trabalho objetiva que os alunos tornem-se propensos a ter respeito mútuo, entendam e aceitem o outro com suas particularidades e diferenças, saibam como se comportar no meio social e interagir com os outros indivíduos, utilizando-se das boas relações interpessoais, comprometam-se com o bem-estar dos outros, cumpram o papel de agentes transformadores da violência na construção de uma realidade de paz nas escolas, tolerem o outro e desenvolvam atitudes de solidariedade, gestos e princípios aprendidos na escola e aplicados em casa com a família.

Frente a todas estas colocações acredita-se que é o momento da escola de tomada de posicionamento frente ao bullying, que não pode mais ser ignorado e nem varrido “para debaixo do tapete”. É tempo de buscar soluções, de convocar a comunidade escolar a discutir, analisar e a traçar ações de enfrentamento do problema e de colocá-las em prática de uma maneira afetiva, com respeito e com compreensão de que todos sofrem com o bullying, por isso todos precisam ser ouvidos, tanto agressores como vítimas, para que se compreenda e se resolvam estas questões.

## **1.2 Relações de poder e o bullying**

A violência chegou à escola, preocupando a sociedade e educadores. Uma destas manifestações de violência escolar é conhecida como bullying, que se manifesta através de agressões físicas e psicológicas, sendo os agressores estudantes que querem impor seu poder sobre o outro através de constantes ameaças, insultos, humilhações. Os agredidos apresentam comportamento tímido, baixo rendimento escolar e se tornam em alguns momentos antissociais. Para Silva (2010, p. 13):

[...] é necessário entendermos que brincadeiras normais e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem. Quando apenas alguns se divertem à custa de outros que sofrem, isso ganha outra conotação, bem diversa de um

simples divertimento. Nessa situação específica, utiliza-se o termo bullying escolar, que abrange todos os atos de violência (física ou não) que ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos, impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas.

Entende-se que o bullying escolar é problema que vem crescendo dentro das escolas, marcado pela perseguição de alunos contra seus colegas que se traduz em violência física, ou não que leva ao constrangimento do outro. O bullying traz consequências negativas para o ambiente escolar, para a vítima e também para o agressor.

Segundo Guareschi (2008, p. 55):

Ao tratarmos de bullying, é importante considerar ainda uma questão fundamental: o contexto, isto é, o quanto a cultura em que os jovens estão imersos pode influenciar no modo com que lidam com problemas e pessoas. A cultura e o contexto em que vivemos exercem poder condicionante no processo de gerar problemas e criara soluções. As opções que vem à mente de uma pessoa em situações de desafio são influenciadas por este contexto cultural. Muitos alunos envolvidos no bullying receberam influência cultural que eliminava opções que não envolvessem violência na resolução de problemas do dia-a-dia.

As colocações deste autor mostram o quanto o comportamento dos indivíduos está relacionado ao contexto cultural em que vive, pontuando que as relações que se processam dentro da sociedade são fundamentais para entender o crescimento da violência e de fenômenos como o bullying.

De acordo com Lopes Neto (2005), uma das principais características do bullying é a relação de poder que um sujeito tem sobre o outro. Esse desequilíbrio de poder que há entre os protagonistas do bullying se dá pelo fato do agressor possuir algumas características, tais como, "idade superior a da vítima, estrutura física ou emocional mais equilibrada, ter apoio dos demais amigos de classe, ser sociável entre os demais grupos da classe, tamanho superior"; tais atributos fazem com que a vítima se sinta inferior, não tendo condições de se defender diante das ofensas, sejam elas verbais ou físicas.

Lopes Neto (2005) fala sobre as testemunhas ou expectadores, ou seja aqueles que não se envolve diretamente em atos de bullying e geralmente se cala por medo de ser a próxima vítima, por não saberem como agir e por descrerem nas atitudes da escola. Esse clima de silêncio pode ser interpretado pelos autores como afirmação de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos, transmitindo uma falsa tranquilidade aos adultos.

É justamente essa situação de silêncio, de não envolvimento que faz com que muitas vezes o bullying não seja descoberto mais cedo pelos professores e adultos, pois se instala uma relação de poder tanto pelos atos de violência como pelo silêncio e indiferença.

A compreensão do bullying, e porque ele ocorre dentro da escola não pode ser visto de maneira isolada, mas sim dentro de um contexto social, histórico e cultural da sociedade em que se vive. Estes fenômenos nascem da conjunção de diversos fatores, o que mostra uma complexidade características das relações interpessoais.

No que se refere às relações de poder Castro (1998, p. 01) coloca que para Pierre Bourdieu o poder é simbólico:

Para ele, este poder é quase mágico, na medida em que permite obter o equivalente ao que é obtido pela força, graças ao efeito específico de mobilização. Todo poder simbólico é um poder capaz de se impor como legítimo, dissimulando a força que há em seu fundamento e só se exerce se for reconhecido. Ao contrário da força nua, que age por uma eficácia mecânica, todo poder verdadeiro age enquanto poder simbólico. A ordem torna-se eficiente porque aqueles que a executam, com a colaboração objetiva de sua consciência ou de suas disposições previamente organizadas e preparadas para tal, a reconhecem e crêem nela, prestando-lhe obediência.

A partir da concepção de Bourdieu de que o poder é simbólico, no que se refere ao bullying, pode-se compreender que este acontece porque é legitimado dentro das relações de poder que se processam dentro da escola.

Conforme César e Passos (2008), Bourdieu aponta que a violência simbólica ou velada oferece as condições ideais para que se inicie o processo de dominação simbólica que transfigura a violência, fazendo-a parecer natural aos olhos de quem presencia. Esse tipo de violência ocorre, segundo ele, dentro de um campo de forças e também de lutas.

Ainda, segundo César e Passos (2008, p. 11172):

[...] a manifestação do fenômeno bullying e os motivos que levam a esse tipo de violência são extremamente variados e estão relacionados com as experiências que cada educando tem em sua família e/ou comunidade e se dá perante o uso do poder para intimidar o outro.

Entende-se que as escolas deveriam ser ambientes de respeito ao próximo, de amizade, harmonia e integração das pessoas, de coleguismo, mas, como um ambiente social, os problemas que ocorrem na sociedade e as relações de poder se refletem neste espaço de maneira bastante incisiva e preocupante.

Falando sobre a educação e a violência simbólica defendida por Bordieu, Raduenz e Stival (2010), colocam que para este autor existe uma violência inerente e inevitável, a violência da educação, isto porque, a ação pedagógica em si é uma forma de violência simbólica, “pois reproduz a cultura dominante, suas significações e convenções, impondo um modelo de socialização que favorece a reprodução da estrutura das relações de poder” (p. 05).

As relações de poder e sua relação com a violência escolar para Cézár e Passos (2008, p. 11172) ocorrem porque, muitas vezes,

[...] a ação pedagógica dissimula uma verdadeira violência velada levando o educando a agir e a pensar de uma determinada maneira imposta, sem se darem conta de que agem e pensam sob coação, constituindo-se um instrumento de violência simbólica/visível, porque reproduz os valores existentes na sociedade elitizada de modo uniforme a todos.

Enquanto a prática educativa na escola for pautada por uma ação pedagógica das classes dominantes a violência simbólica que ali se instala pode contribuir para outras formas de violência no ambiente escolar como o bullying, onde um sujeito subjuga o outro de maneira velada ou explícita se valendo de uma posição ou condição.

Sabe-se que os fenômenos sociais são muitos complexos e estão relacionados a fatores bastante complexos, mas que compreender a amplitude destes fatores já pode trazer uma luz a educadores sobre como enfrentar a violência escolar.

De acordo com Raduenz e Stival (2010, p. 05):

O caráter simbólico da violência centra-se nas características fundamentais da estrutura de classes da sociedade capitalista, decorrente da divisão social do trabalho, baseada na apropriação diferencial dos meios de produção. O autor analisa que o processo educacional apresenta dois mecanismos destinados à consolidação da sociedade capitalista: a reprodução da cultura e a reprodução da estruturas de classes. O primeiro dos mecanismos se manifesta no mundo das “representações simbólicas ou ideologia”, e o outro atua na própria realidade social.

A violência é uma presença na vida humana, nas sociedades. Mas vem crescendo muito no Brasil, como um reflexo dos novos paradigmas da sociedade contemporânea de relações superficiais, de competitividade, de valorização exagerado do capital, o que gera frustrações, ansiedades, estresse que muitas vezes são fatores acirram a violência.

Para Bourdieu (2001, p.311):

[...] o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da "ordem social" uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força.

Conforme Njaine e Minayo (2003), as causas da violência na escola: na visão dos alunos apontaram os principais motivos dessa situação: a agressividade dos próprios alunos que afeta a luta pela afirmação de sua identidade, e que não é reconhecida pelos educadores; o descaso da escola e a violência, sobretudo verbal, dos professores e funcionários contra os jovens; a influência da mídia; e a negligência da família. A agressividade entre os pares é identificada pelos jovens nas atitudes agressivas explícitas ou veladas, e que permeiam as relações interpessoais na escola. Essas atitudes foram bastante criticadas pelos alunos, pois, consideraram esse espaço um aliado para a sua afirmação. E também porque qualquer referência negativa à capacidade, ao desempenho e ao comportamento dos jovens entre si, ou deles com os professores, lhes soa como uma comparação desabonadora em relação aos outros. Toca na sua identidade em construção, quando estão em busca de apoio, de elogios, de estímulos para crescer.

Não se pode esquecer que a educação é um direito social fundamental do ser humano, e como tal deve ser promovida de maneira a contribuir para a melhoria da qualidade de vida, neste sentido, a escola precisa buscar caminhos de enfrentamento de seus problemas, entre eles o do bullying.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final deste artigo se percebeu a importância de falar sobre a violência na escola, em especial sobre o bullying como uma maneira de discutir que a violência na escola tem raízes complexas que nascem da própria relação de poder que existe na sociedade capitalista. Uma relação que Pierre Bourdieu chamou relação de poder, que se manifesta, entre outros meios, **através** da violência simbólica.

A escola é uma instituição social e como tal um espaço de reprodução das relações sociais que se processam nos espaço amplo da sociedade em que está inserida. Como a violência vem crescendo na sociedade, esta também vem aumentando no espaço escolar, até mesmo nas brincadeiras e nos relacionamentos que acabam por gerar o bullying.

Muito se tem discutido sobre os vários problemas que afetam a escola, como a evasão, a repetência, a indisciplina, as dificuldades de aprendizagem, a falta de limites, e ações de bullying.

O enfrentamento da violência escolar passa pela democratização da escola, pela maior participação da comunidade escolar, pela construção de um currículo escolar que valorize as diferenças sociais, onde as aprendizagens sejam significativas para os estudantes em seu cotidiano de vida.

Entende-se, que as discussões promovidas não são conclusivas, pois os fenômenos sociais são muitos complexos e estão relacionados a fatores bastante complexos, mas que compreender a amplitude destes fatores já pode trazer uma luz a educadores sobre como enfrentar a violência escolar. É neste sentido que se espera com essa discussão mostra que a escola precisa encontrar caminhos para melhorar o seu ambiente fazendo dele um espaço de construção da dignidade humana e de garantia da vivência plena de direitos fundamentais, de tolerância e de cidadania.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, rede Pitágoras, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003.

ABRAPIA. Disponível em: <<http://www.abrapia.org.com./>>. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

BEAUDOIN, M. N. **Bullying e Desrespeito**: como acabar com essa cultura na escola. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CASTRO, M. Um estudo das relações de poder na escola pública de ensino fundamental à luz de Weber e Bourdieu: do poder formal, impessoal e simbólico ao poder explícito. **Revista da Faculdade de Educação**. Vol.24 n.1 São Paulo Jan./Jun. 1998.

CÉZAR, N.; PASSOS, L. **Violência simbólica nos rituais legitimadores dos processos escolares** – fenômeno bullying no ambiente escolar. PUCPR, 2008. Disponível em:

<[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/255\\_754.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/255_754.pdf)>. Acesso em: 14 de novembro de 2015.

CIDADE. A. P. S. **Bullying Escolar** – Uma Realidade Ainda Desconhecida. Trabalho de Conclusão de Curso do Centro Universitário do Distrito Federal - UDF. Curso de Direito. Brasília, 2008.

DEBARBIEUX, E. BLAYA, C. (orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GUARESCHI, P. A. (coord.) **Bullying**: mais sério do que se imagina. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LINDEGGER, A. C. S.; PINHEIRO, R. M. C.; PALEROSI, S. C. S. **Você sabe o que é bullying?** XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 2007.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, 2005;81(5 Supl):S164-S172.

LOPES NETO A. A, SAAVEDRA L. H. **Diga NÃO para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPIA; 2004.

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. S. **Violência na escola**: identificando pistas para a prevenção, *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, v.7, n.13, p.119-34, 2003.

RADUENZ, E.; STIVAL, M. C. E. E. Educación para la ciudadanía: Bullying escolar e sua dominação no contexto familiar. **Congresso Iberoamericano de Educación**. Buenos Aires, Argentina, 13, 14 y 15 de septiembre, 2010.

RAMOS, A. K. S. **Bullyng**: a violência tolerada na escola. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf?>> Acesso em 15 de novembro de 2015.

RUIZ, J. A. **Metodologia Científica**: Guia para eficiência nos estudos. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SILVA, G. J. **Bullying**: quando a escola não é um paraíso. *Jornal Mundo Jovem*; nº. 364; março/2006; p. 02-03.

SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas nas ESCOLAS bullying**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SZYMANSKI, H. **A relação família-escola**: desafios e perspectivas. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2007.

WAKSMAN, R. D; HIRSCHHEIMER, M. R. (coord.) **Combate à violência contra a criança e o adolescente**. 2007. Disponível em <[http://www.condeca.sp.gov.br/eventos\\_re/ii\\_forum](http://www.condeca.sp.gov.br/eventos_re/ii_forum)>. Acesso em 15 de novembro de 2015.